

## GT20: ANTROPOLOGIA ENGAJADA: relatos de pesquisa sob as perspectivas teórico-metodológicas e éticas

Fernanda Valli Nummer, Maria Cristina C de C França

No Brasil, a Antropologia ainda procura ampliar sua visibilidade através do aumento crescente em enfoques no envolvimento da pesquisa na prática das transformações do mundo social. Esse forte apelo tem sido envolvido em questões teórico metodológicas denominadas de antropologia engajada, antropologia aplicada, antropologia prática, entre outros. Na antropologia americana, que tem orientado essas reflexões, os autores distinguem uma série de formas de envolvimento: partilha e apoio nos cotidianos das interações do trabalho de campo; ensino e educação pública; crítica social; participação e liderança colaborativa durante o trabalho de campo; em ações judiciais como testemunha especializada; e o ativismo que tem como base a ideia de que o antropólogo tem compromissos como cidadão quando confrontado com as violações ou sofrimento de outros (Low; Merry, 2010). Nos casos das pesquisas antropológicas reconhecidamente engajadas, os dilemas da ciência antropológica brasileira, em tempos de decolonialidades, emergem com novas questões em discussão. O GT busca analisar consensos e particularidades que envolvem pesquisas de campo engajadas na antropologia brasileira. A interação entre pesquisador e seus interlocutores na pesquisa etnográfica é, por vezes, muito prolongada e envolve afinidades significativas aos sujeitos do processo, quando e como podemos chamar nossos estudos antropológicos de "engajados" na atualidade?

### **De um ponto de vista assumidamente engajado: bissexualidade, academia e ativismo**

**Autoria:** Danieli Klidzio

Partindo de reflexões pertinentes à dissertação de mestrado da primeira autora, no presente trabalho refletimos sobre o fazer etnográfico considerando questões éticas e teórico-metodológicas desde uma perspectiva engajada na qual a pesquisadora é também parte de seu campo. Por meio de uma etnografia a partir das mídias digitais, a referida pesquisa pensa a bissexualidade enquanto identidade sexual e política e as produções brasileiras em torno desta. Nos últimos anos movimentos ativistas e referências acadêmicas vêm se expandindo por meio de iniciativas coletivas como o GAEBI (Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade) e a Frente Bissexual Brasileira. Por se identificar enquanto bissexual, pesquisar sobre bissexualidade e integrar tais movimentos, a autora tem feito seu trabalho de campo enquanto sujeito "de dentro". A pesquisa é construída em um movimento de: voltar-se para tal campo de pesquisa por inserir-se e identificar-se pessoal e politicamente como bissexual; ao mesmo tempo em que a própria posição de pesquisadora do tema produz condições de acesso a determinados grupos bissexuais. Nesse sentido, mesmo que inevitavelmente ainda se faz presente uma autoridade etnográfica, a ideia de "objeto" de pesquisa deixa de fazer sentido na medida em que são borradas as fronteiras entre sujeito e objeto como localizações opostas e não agenciadas. Também, uma perspectiva "de dentro" impacta a noção de campo de pesquisa como sendo um deslocamento para o outro, para o diferente e exótico na medida em que exige também um olhar para si e um "estranhamento do familiar". Desde as motivações para a escolha do tema, o exercício etnográfico compreende o engajamento na pesquisa, a pesquisa é construída visando ser útil na crítica à bifobia e na construção de uma memória bissexual. Diante do apagamento dessa identidade no ativismo LGBTQIAP+ e nos estudos sobre sexualidade e gênero, de um ponto de vista assumidamente bissexual e engajado a pesquisa busca suprir uma necessidade de dados sobre esses sujeitos e suas vulnerabilidades, sendo, portanto, ela mesma um produto visado pelos sujeitos interlocutores da pesquisa.

[Trabalho completo](#)



## 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

### Realização:



### Apoio:



### Organização:

